

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O esforço humano pelos descobrimentos  
esta condenado ao fracasso [Human  
effort for discovery is doomed to failure]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy  
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	de Lévi Strauss, Clau
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 12:54:12
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162938">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162938</a>

Fica difícil, também, explicar uma política de alianças com forças políticas retrógradas, contrárias à mudança social, incrustadas no aparelho do Estado para permanentemente parasitá-lo pelo fisiologismo e pela corrupção. Em nome dessa governabilidade, que dispensa o movimento social organizado e a pressão popular legítima, o governo sofreu inúmeras derrotas no Congresso, inclusive a perda da presidência da Câmara de Deputados. Governabilidade com partidos que não comungam nem irão concordar com as propostas do nosso projeto democrático e popular se afastariam, imediatamente, se assumíssemos, de frente, nosso projeto transformador. Daí a necessidade de rever a política de alianças.

Isso requer um esclarecimento preliminar: toda pessoa é inocente até que se prove o contrário, de modo que a proposta de revisão da política de alianças que estamos fazendo não implica a aceitação de que algum membro do PT haja atuado de modo inconveniente. Trata-se de uma objeção política: o regime de governo é presidencialista e a Constituição confere ao presidente da República atribuições suficientes para governar mesmo sem dispor de maioria no Congresso. Ele dispõe do veto, da iniciativa das leis que envolvem gastos e, sobretudo, da faculdade de dirigir-se a qualquer momento à opinião pública. A experiência histórica demonstra que o Congresso jamais deixou de aprovar um projeto que conseguiu obter apoio na opinião pública. Portanto, o presidente Lula, eleito com 53 milhões de votos, tem tudo de que precisa para executar seu programa de governo, sem necessidade de constranger a si próprio e aos seus companheiros de partido com alianças que provocam escândalo em seus eleitores. A demissão do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, é o reconhecimento da gravidade da hora e da crise da proposta capitaneada pela maioria no PT e no governo. Daí a urgência de decisões coletivas e de mobilização da nossa militância.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Entrevista da semana

### O ESFORÇO HUMANO PELOS DESCOBRIMENTOS ESTA CONDENADO AO FRACASSO

*Traduzimos e reproduzimos a seguir uma entrevista realizada com o grande etnólogo francês Claude Lévi-Strauss, publicada no jornal **El País**, em 7 de maio de 2005. Antropólogo belga nascido em Bruxelas, Bélgica, Lévi-Strauss dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro **Les Structures élémentaires de la parenté** (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para ensinar sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro **Tristes Trópicos**, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. Na entrevista que segue, o nonagenário cientista reflete sobre a evolução da antropologia. No privilégio dos seus 97 anos, pode dizer e fazer respeitar sua angústia ante as necessidades humanas.*

**Quando você estudava, o eurocentrismo impregnava todos os discursos. Hoje, o multiculturalismo e o constante elogio da mestiçagem cultural são dominantes. Que**

**impressão produz esta evolução a alguém como você, que se interessou por provar a unidade do gênero humano, com base na análise de sociedades indígenas, como a dos bororos ou dos cadiueus?**

O que chamamos de pensamento europeu, nossa civilização, é fruto de contribuições que vêm de outras latitudes, que são o resultado do contato entre os distintos povos e culturas do continente e de nossas viagens. A Europa sempre foi um continente mestiço, para empregar o mesmo termo. A grande diferença que temos visto no século XX é a aceleração da comunicação. Viajamos mais depressa; o que antes necessitava semanas ou meses de barco, agora se percorre em poucas horas, mas também é certo que antes saías de um porto comercial de uma velha cidade muito ativa para chegar a outro de um mundo em construção, enquanto agora levantas de um aeroporto e aterrissas em outro quase idêntico. A mestiçagem e a fusão necessitam tempo, precisam amadurecer, mas a extraordinária aceleração do século XX não deixa tempo para assimilar as influências do outro.

**A famosa mestiçagem se faz sempre em detrimento do mais débil, ou, para dizê-lo de outra maneira, é uma ideologia que encobre outra forma de colonialismo?**

É você que o diz, mas não vou desmenti-lo.

**Você estudou algumas dessas civilizações chamadas “selvagens”, e o fez sem querer interferir em seu desenvolvimento. O que pensa de iniciativas que transformam em “patrimônio cultural da humanidade” uma ruína insalubre, para satisfazer a ânsia de exotismo dos ocidentais?**

Não tenho resposta para isso. Sua pergunta põe o dedo numa contradição fundamental. Nem tudo o que se inscreve no longo inventário do “patrimônio da humanidade” se faz por razões puras. A preocupação pelos ingressos derivados do fluxo turístico representa um grande papel no comportamento dos Estados.

**A perspectiva de dar cursos de filosofia, sempre com o mesmo programa, incitou-o, faz setenta anos, a ir a São Paulo para dar aulas de algumas disciplinas das quais não tinha experiência, como a Sociologia e a Etnologia. Que aulas dava?**

Fui até ali por uma sugestão de Paul Nizan<sup>6</sup>. A etnologia ainda não tinha área de pesca própria e pescava em águas consideradas afins, como a da filosofia. Em sociologia havia lido os trabalhos da Escola de sociologia urbana de Chicago, que tinham como idéia fundamental a de tratar a cidade como um objeto complexo, cujo crescimento respondia a leis reconhecíveis, o que eu chamo de invariáveis. Dizia-se sobre São Paulo, então, que era uma cidade perigosa, porque se podia marcar um encontro com uma pessoa, numa esquina que não existia quando se chegava, mas que já estava edificada, quando chegava a pessoa com quem se havia combinado o encontro. Era a possibilidade de ver crescer uma cidade diante de meus olhos, de assistir, em questão de poucos anos, meses e semanas, a esse processo que, na Europa, tinha levado anos. Em 1935, havia uma companhia ferroviária inglesa que estava estendendo uma

---

<sup>6</sup> Paul Nizan 1905-1940), escritor, engajado no Partido Comunista, autor de *Os cães de guarda* (um libelo contra os intelectuais que não aceitavam o engajamento político ou se isolavam em suas torres de marfim). Decepcionado com o pacto germano-soviético, ele rompeu com o partido. Foi acusado de espionagem pelos ex-camaradas. Paul Nizan morreu na frente de combate: tinha apenas 35 anos de idade. (Nota do *IHU On-Line*)

nova linha no estado do Paraná e criava uma nova cidade a cada 25 ou 30 quilômetros. A primeira tinha, então, uns 2.000 habitantes e faz pouco me convidaram para o seu cinquentenário e já tem um milhão. A segunda cidade tinha umas poucas centenas de habitantes, a terceira três dezenas e a que então era a última do traçado, um só habitante, um francês que buscava a aventura. Fiz um esboço de como era previsível que fossem crescer.

### **E com os alunos?**

Eu lhes propus que fizessem monografias sobre sua rua, seu bairro, e que estudassem todas essas transformações...

### **Sua primeira viagem para o interior, seu encontro com os bororos, é o fruto de uma expedição em tempo de férias.**

Sim. Para um etnólogo com uma formação como a minha, encontrar os bororos era encontrar o paraíso. Tratava-se de uma sociedade cuja cultura material estava intacta, na qual continuava existindo uma extraordinária arte da pluma, tal como se pode ver na atual exposição do Grand Palais, de Paris, uma sociedade com uma organização social complexa e rica, bem distinta da que descobri nos nambiquara.

### **Em que momento você pôde tirar conclusões de suas expedições?**

O que em verdade era ou podia ser a etnologia, eu o aprendi mais tarde, em princípios da década 1940 na Biblioteca Pública de Nova Iorque, depois de haver escapado da França de Petain. Ali, lendo, completei minha formação de etnólogo. Entrementes já havia conhecido Marcel Mauss<sup>7</sup> e lhe falara da organização exogâmica entre os bororos. Sabe, Mauss, após uma rápida estimativa, havia dito a outro investigador que regressava de uma estadia de 18 meses na África, que, com esse tempo de experiência de terreno, tinha material suficiente para 30 anos de trabalho de pesquisa. Sem a guerra e a ocupação alemã, meu destino teria podido ser outro. Na realidade, após o armistício, eu queria voltar ao Brasil, mas não me deram o visto.

### **Numa entrevista concedida faz dois anos a Marcel Hénaff<sup>8</sup>, você meio gracejava, dizendo que havia descoberto o estruturalismo antes de aprender a ler.**

Sim, mas não pretendo ufanar-me de minha precocidade, porém tão só deixar claro que, já desde muito pequeno, meu espírito funcionava de certa maneira. Minha mãe me contou que eu me dera conta, indo ao *boulangier* (padeiro) e ao *boucher* (açougueiro) que as primeiras letras deviam significar *bou*, já que eram as mesmas para as duas palavras. Mais seriamente, o segredo do estruturalismo creio havê-lo intuído enquanto estava no fronte, na linha Maginot<sup>9</sup>,

---

<sup>7</sup> Marcel Mauss (1872-1950), sociólogo e etnólogo francês, criador, com Paul Rivet, do Instituto de Etnologia. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> Marcel Hénaff escreveu sobre Claude Lévi-Straus a obra *Claude Lévi-Straus and the making of Structural Anthropology*, cujo foco é a antropologia social. Dentro deste campo, dá apurada atenção a três áreas que distinguem o trabalho de Lévi-Strauss: sistemas do parentesco, sistemas da classificação e mitologia. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>9</sup> Durante seis meses após a queda da Polônia, os franceses, que haviam avançado alguns quilômetros no território alemão, retrocederam para a Linha Maginot assim que a parte principal do exército alemão retornou da Polônia. A Linha Maginot era a verdadeira chave da estratégia terrestre dos Aliados durante esses meses e recebera seu nome por causa do Ministro da Guerra, André Maginot. As fortalezas da Linha Maginot possuíam alojamentos subterrâneos, paióis de munição, cozinhas, hospitais, instalações telefônicas e geradores elétricos; ferrovias em miniatura, guindastes para

como oficial de conexão que esperava servir de intérprete às tropas britânicas. Ali, enquanto esperávamos uma batalha que não começava, pude observar, com detalhes, como, por detrás do aparente acaso da beleza ondeante de um campo cheio de flores, estava uma organização estrita de cada uma delas. Logo após, em Nova Iorque, o encontro com Roman Jakobson<sup>10</sup> foi definitivo.

#### **Jakobson era já um lingüista mundialmente reconhecido...**

Jakobson era um tipo genial! Impressionou-me sob um duplo aspecto: por sua extraordinária capacidade intelectual, pois falava várias dezenas de idiomas, e por sua formidável resistência física. Era capaz de passar horas e horas discutindo e raciocinando com uma clareza extrema. E essa clareza não era embaçada, quando tomava bebidas alcoólicas, que ele podia ingerir em quantidades consideráveis.

#### **A diferença entre fonologia e fonética, as considerações sobre a dupla articulação...**

O encontro com Jakobson me revelou que eu era estruturalista sem sabê-lo. O que até então era uma intuição confusa e desorganizada, coagulou e se transformou em doutrina. Quando se estuda uma sociedade, se começa por inventariar as diferenças, porque os pontos comuns, ao menos num primeiro momento, podem ser superficiais, permanecer na epiderme do fenômeno. Logo após, mais profundamente, aparecem as que eu chamo de invariáveis...

#### **... o tabu do incesto...**

Sim, mas o interessante é que essa obrigação exogâmica, de buscar um par fora do círculo familiar mais restrito, pode ter muitas formas distintas. No Egito antigo, se aceitava o matrimônio entre primos; em outras civilizações, no caso de morte da esposa, o viúvo é obrigado a se casar com a irmã dela; em outras, a regra estabelece outros graus de parentesco. O invariável, a regra, está na obrigação constante de ter que buscar um par em outra família e assim constituir sociedade. Se as culturas diferem é porque, segundo a regra, cabem muitas variáveis. Na natureza, existem leis que podem ser universais e constantes e, se encontramos, na cultura, regras que possam ter esse mesmo caráter universal que as leis, então podemos compreender melhor a passagem da natureza à cultura. Este é o interesse da proibição do incesto.

#### **Certa vez, você responsabilizou a revolta de maio de 1968 pela perda de prestígio universitário do estruturalismo.**

Isso não é exato. Eu era, então, diretor de um laboratório de Antropologia Social, e alguns professores e estudantes consideraram que precisavam aliar-se ao movimento de protesto. Eu me limitei a ir para minha casa. Passado o vendaval, me chamaram para que eu voltasse. Eu lhes disse que não tinha gasolina e deram um jeito para subministrá-la. Pareceu-me uma

---

munição, sistemas de drenagem. A Linha Maginot exigia uma guarnição de cerca de 300.000 homens. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> Roman Jakobson (1896-1982), lingüista e crítico literário russo, um dos fundadores da fonologia, autor de *Ensaio de lingüística geral* e *Que é poesia?*, além de outros numerosos ensaios sobre lingüística e crítica literária. (Nota do *IHU On-Line*)

caricatura de revolução, mas o entusiasmo e respeito que existia pelo estruturalismo saiu intacto de maio de 68.

### **Houve muitas acusações contra essa corrente...**

Houve má fé e incompreensão. O problema das ciências humanas, o que faz que não sejam verdadeiras ciências, é a pretensão de que existe um modo de observação que é melhor que os demais, quando, nas ciências que chamamos «duras», a física experimental não exclui a física teórica e a teórica não elimina a biologia, como esta não anula a química: são enfoques distintos entre os quais alguém pode escolher para desenvolver uma pesquisa. Nas ciências humanas, não falta quem diga que o único enfoque adequado é o seu e que qualquer outro é errôneo.

### **Ao estruturalismo...**

... se lhe repreendeu ser anti-humanista, e isso é parcialmente certo. Atacaram-nos sob dois ângulos: um epistemológico e outro moral. Quanto ao primeiro, criticavam-nos por não adotarmos o ponto de vista do filósofo que se dispõe a uma introspecção sobre a própria pessoa, ou seja, de não adotar o ponto de vista do sujeito, mas esta opção me parece legítima, porque temos o direito de escolher a distância que mais convém a cada problema ou investigação. A um simples olhar, por exemplo, uma gota de água é somente isso, mas o microscópio pode descobrir-nos os organismos que nela habitam. Nós escolhemos um enfoque de ampliação que apaga a noção de sujeito, que a dissolve, e estudamos os mecanismos que funcionam no interior do pensamento. Com respeito à censura ou crítica sob uma perspectiva moral, é impossível para um etnólogo não tomar em consideração a destruição sistemática e monstruosa que os ocidentais temos feito das culturas distintas da nossa, desde, no mínimo, 1492. Não é possível separar ou isolar esta condenação da destruição da sociedade humana, da destruição de que hoje são vítimas espécies animais e vegetais, e tudo isso em nome de um humanismo que situou o homem como rei e senhor do mundo. A definição que o humanismo clássico faz do homem é muito estreita, apresenta-o como um ser pensante, em vez de tratá-lo como um ser vivo, e o resultado é que a fronteira, onde acaba a humanidade, está demasiado próxima do próprio homem, que, assim, tem sido objeto de mil ataques por parte de seus congêneres.

### **Em várias oportunidades se declarou mais e mais próximo do ceticismo.**

O ceticismo chega com a idade. O espetáculo que a ciência contemporânea oferece convida para isso. Durante o século XX, essa ciência progrediu muito mais do que em todos os séculos anteriores, uma aceleração enorme na produção de conhecimento e, ao mesmo tempo, esse progresso vertiginoso nos abre abismos cada vez mais insondáveis, cada descoberta nos coloca 10 enigmas, de maneira que o esforço humano está condenado ao fracasso. Mas, é bom que seja assim.

[\(Voltar ao índice\)](#)